

Exercícios sobre Advérbio, Interjeição, Preposição e Palavra Denotativa

Exercícios

1. Ser mulher...

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
para os gozos da vida; a liberdade e o amor;
tentar da glória a etérea e altívola escalada,
na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
para poder, com ela, o infinito transpor;
sentir a vida triste, insípida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um senhor...

Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...

Ser mulher, e, oh! atroz, tantálica tristeza!
ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!

(MACHADO, Gilka. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial: FUNARJ, 1991.p.106)

Em três versos do texto, encontra-se um conectivo normalmente descrito com o sentido de finalidade/movimento. Em um desses versos, o efeito de sentido extrapola essa descrição. Identifique tal verso, destaque o conectivo e explique o referido efeito de sentido.

2. Leia o seguinte texto, extraído de uma biografia do compositor Carlos Gomes: No ano seguinte [1860], com o objetivo de consolidar sua formação musical, [Carlos Gomes] mudou-se para o Rio de Janeiro, contra a vontade do pai, para iniciar os estudos no conservatório da cidade. “Uma ideia fixa me acompanha como o meu destino! Tenho culpa, porventura, por tal cousa, se foi vossemecê que me deu o gosto pela arte a que me dediquei e se seus esforços e sacrifícios fizeram-me ganhar ambição de glórias futuras?”, escreveu ao pai, aflito e cheio de remorso por tê-lo contrariado. “Não me culpe pelo passo que dei hoje. [...] Nada mais lhe posso dizer nesta ocasião, mas afirmo que as minhas intenções são puras e espero desassossegado a sua bênção e o seu perdão”, completou.

(<http://musicaclassica.folha.com.br>)

- a) Sobre o advérbio “porventura”, presente na carta do compositor, o dicionário Houaiss informa: usa-se em frases interrogativas, especialmente em perguntas delicadas ou retóricas. Aplica-se ao texto da carta essa informação? Justifique sua resposta.
- b) Cite duas palavras, também empregadas pelo compositor, que atestem, de maneira mais evidente, que, daquela época para hoje, a língua portuguesa sofreu modificações.

3. Preciso que um barco atravesse o mar
lá longe
para sair dessa cadeira
para esquecer esse computador
e ter olhos de sal
boca de peixe
e o vento frio batendo nas escamas.
(...)

Marina Colasanti, *Gargantas abertas*.

Gosto e preciso de ti
Mas quero logo explicar
Não gosto porque preciso
Preciso sim, por gostar.

Mário Lago, www.encantosepaixoes.com.br

- a) Nos poemas acima, as preposições “para” e “por” estabelecem o mesmo tipo de relação de sentido? Justifique sua resposta.
- b) Sem alterar o sentido do texto de Mário Lago, transcreva-o em prosa, em um único período, utilizando os sinais de pontuação adequados.

4. O comprador de fazendas

O acaso deu a Trancoso uma sorte de cinquenta contos na loteria. Não se riam. Por que motivo não havia Trancoso de ser o escolhido, se a sorte é cega e ele tinha no bolso um bilhete? Ganhou os cinquenta contos, dinheiro que para um pé atrás daquela marca era significativo de grande riqueza.

De posse do bolo, após semanas de tonteira deliberou afazendar-se. Queria tapar a boca ao mundo realizando uma coisa jamais passada pela sua cabeça: comprar fazenda. Correu em revista quantas visitara durante os anos de malandragem, propendendo, afinal, para a Espiga. Ia nisso, sobretudo, a lembrança da menina, dos bolinhos da velha e a ideia de meter na administração ao sogro, de jeito a folgar-se uma vida vadia de regalos, embalada pelo amor de Zilda e os requintes culinários da sogra. Escreveu, pois, a Moreira anunciando-lhe a volta, a fim de fechar-se o negócio.

Ai, ai, ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de cólera, entremeio a bufos de vingança. – É agora! – berrou o velho. – O ladrão gostou da pândega e quer repetir a dose. Mas desta feita curou-lhe a balda¹, ora se curou! – concluiu, esfregando as mãos no antegozo da vingança. No murcho coração da pálida Zilda, entretanto, bateu um raio de esperança. A noite de sua alma alvorejou ao luar de um “Quem sabe?” Não se atreveu, todavia, a arrostar² a cólera do pai e do irmão, concertados ambos num tremendo ajuste de contas. Confiou no milagre. Acendeu outra velinha a Santo Antônio...

O grande dia chegou. Trancoso rompeu à tarde pela fazenda, caracolando o rosilho³.

Desceu Moreira a esperá-lo embaixo da escada, de mãos às costas. Antes de sofrear⁴ as rédeas, já o amável pretendente abria-se em exclamações.

– Ora viva, caro Moreira! Chegou enfim o grande dia. Desta vez, compro-lhe a fazenda.

Moreira tremia. Esperou que o biltre⁵ apeasse e mal Trancoso, lançando as rédeas, dirigiu-se-lhe de braços abertos, todo risos, o velho saca de sob o paletó um rabo de tatu e rompe-lhe para cima com ímpeto de queixada⁶.

– Queres fazenda, grandíssimo tranca⁷? Toma, toma fazenda, ladrão! – e lepte, lepte, finca-lhe rijas rabadas coléricas.

O pobre rapaz, tonteando pelo imprevisto da agressão, corre ao cavalo e monta às cegas, de passo que Zico lhe sacode no lombo nova série de lambadas de agravadíssimo ex-quase-cunhado.

Dona Isaura atiça-lhe os cães:

– Pega, Brinquinho! Ferra, Joli!

O mal azarado comprador de fazendas, acuado como raposa em terreiro, dá de esporas e foge à toda, sob uma chuva de insultos e pedras. Ao cruzar a porteira inda teve ouvidos para distinguir na grita os desaforos esganiçados da velha:

– Comedor de bolinhos! Papa-manteiga! Toma! Em outra não hás de cair, ladrão de ovo e cará!... E Zilda?

Atrás da vidraça, com os olhos pisados do muito chorar, a triste menina viu desaparecer para sempre, envolto em uma nuvem de pó, o cavaleiro gentil dos seus dourados sonhos. Moreira, o caipora⁸, perdia assim naquele dia o único negócio bom que durante a vida inteira lhe deparara a Fortuna: o duplo descarte – da filha e da Espiga...

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Globo, 2007.

Vocabulário:

- 1 balda - defeito habitual, mania
- 2 arrostar - encarar sem medo
- 3 rosilho - cavalo de pelo avermelhado
- 4 sofrear - conter
- 5 biltre - homem vil, infame
- 6 queixada - espécie de porco-do-mato
- 7 tranca - indivíduo ordinário, de mau caráter
- 8 caipora - indivíduo azarado

Observe as expressões destacadas nos fragmentos abaixo.

Ai, ai, ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de cólera, entremeio a bufos de vingança. (l. 12-13)

Toma, toma fazenda, ladrão! – e lepte, lepte, finca-lhe rijas rabadas coléricas. (l. 27-28)

Classifique essas expressões e explicito o valor estilístico de cada uma.

5. Observe as frases abaixo:

- I. A cigarra **só** canta.
- II. A cigarra canta **só**.
- III. **Só** a cigarra canta.

Explique a diferença de sentido do vocábulo só nas três frases acima.

Gabarito

1. O verso é “para a larga expansão do desejado surto”. “Para” o conectivo que extrapola o sentido de finalidade e/ou movimento e, nesse caso, encerra uma comparação.
2. O advérbio “porventura”, de fato, se faz presente na pergunta e está sendo utilizada no contexto de pergunta retórica. Isso se deve ao fato de o enunciador não se sentir de ter se mudado para o Rio de Janeiro, já que a mudança foi para investir nos estudos das artes que o próprio pai o ensinara a amar.
3.
 - a) As preposições têm valores de diferentes. O “para” no primeiro texto veicula a ideia de finalidade. Já no texto de Mário Lago, “por” veicula a ideia de causa.
 - b) Gosto e preciso de ti, mas quero, logo, explicar: eu não gosto porque preciso, preciso sim por gostar.
4. As expressões “ai, ai ai”, “lepte, lepte” são interjeições, pois veiculam emoções, sensações ou estados de espírito. Entretanto, note-se que em “lepte lepte” há a tentativa de reprodução de um som, portanto, tem valor de onomatopeia.
5. Em I, “só” é adjetivo e caracteriza o substantivo cigarra e equivale a “sozinha”; já em II, a mudança de posição da palavra altera o sentido global da frase. Nesse caso, “só” está ligado ao verbo “canta”, exercendo função de adjunto adverbial e equivale a “somente”, pois se trata de um advérbio de exclusão; por fim, em III, a palavra “só” é uma palavra denotativa de exclusão, pois acompanha o substantivo “cigarra”, mas NÃO pode ser caracterizada como substantivo, tendo em vista que Advérbios não modificam substantivos.